



Crítica ao silenciamento das margens: Slam como produção de conhecimento descolonizadora.

Palavras-chave: Colonialismo, Slam, Epistemicídio.

Autora: Gabriela Costa Lima (IFCH/UNICAMP)

Orientadora: Prof^a Dr^a Joana Cabral de Oliveira (IFCH/UNICAMP)

Introdução:

O silenciamento das margens, desde o início do projeto, é entendido enquanto a imposição de apagamento epistêmico a povos historicamente postos em posições subalternizadas, devido à estrutura colonial - epistemicídio (CARNEIRO, 2005). Pensar o que significa este silenciamento, de que forma ele é instrumentalizado e se reverbera, especialmente, na população afro-brasileira, enquanto um instrumento de manutenção da morte e adoecimento de corpos pretos.

Além da pilhagem de corpos, os fatores esquecimento e apagamento são interpelados para a manutenção do silenciamento que parte da Colonização. Toda sua estrutura foi muito bem planejada, e hoje é, exatamente do jeito que deveria ser; exatamente do jeito que a branquitude brasileira se mobilizou para que fosse:

Essa ideia da eliminação da raça negra não constituía apenas uma teoria abstrata, mas calculada estratégia de destruição, está claro nos argumentos do mesmo teórico [João Batista Lacerda], na explícita sugestão de se deixar os afros-brasileiros propositalmente indefesos: "expostos a toda espécie de Agentes de destruição e sem recursos suficientes para se manter" (NASCIMENTO, p.88, 2016)

A partir de Gayatri C. Spivak (2014), nota-se, inclusive, que o problema central em "Pode o subalterno falar?" (2014) não é, necessariamente, apenas sobre o falar. A autora se estende em sua crítica ao Ocidente, salientando dois fatores centrais, que são os fetiches da Ciência hegemônica (inclusive da Antropologia, desde seus fundamentos): 1) a noção de salvação que o Ocidente se auto-atribui ao *falar de* povos subalternizados, outorgando-se os títulos de "porta-voz" ou de "quem dá voz" e por fim, quem *fala por*; e 2) a afirmação de que não falta voz para os subalternos e sim, *escuta*. O que, evidentemente, torna o problema ainda mais grave. Penso aqui, no cenário de ataques neoliberais e como a democracia burguesa representativa tem fortemente atuado a partir dos debates de "representatividade", como forma de introduzir indivíduos de grupos subalternizados em espaços de privilégio sem, entretanto, romper com as estruturas que os colocam - enquanto coletivo - na posição subalternizada.

O epistemicídio (CARNEIRO, 2005), conceito central aqui, é pensado a partir do padecer da carne, pois o tribunal das verdades dá-se a partir da legitimação (ou não), do saber de determinados corpos. O genocídio é uma das ferramentas principais para a manutenção das estruturas monorraciais e monológicas (RUFINO, 2019) de ser-estar-saber e, atua enquanto manutenção e perpetuação a longo prazo



(lê-se: cinco séculos e contando) da aniquilação de outras formas de existência. Portanto, influi, diretamente, no silenciamento de outros regimes de conhecimento, promovendo um massacre epistêmico, ao mesmo tempo que extirpa vidas.

Os slams (batalha de poesias recitadas) são tomados aqui como espaços de exposição de reflexões periféricas; uma possibilidade de ouvir e pensar com vozes negras. Uma forma de resistir e fintar o mecanismo mortífero.

Metodologia:

Com essas considerações expostas, pensaremos a respeito do papel da universidade e da produção científica produzida pela mesma como parte das estruturas que se utilizam e renovam o silenciamento, e, paralelamente, negligenciam o espaço de escuta. Contudo, esta pesquisa de forma alguma pretende deslegitimar a cientificidade e a veracidade dos saberes produzidos dentro da academia - deixarei esse mau-caratismo àqueles que tentam acabar com a ciência e com as universidades públicas brasileiras. O intuito central é explorar as mazelas do Colonialismo na pilhagem de corpos e no epistemicídio, a fim de entender como essas duas ações foram e são interpeladas dentro da Ciência, enquanto um espaço que também confere legitimidade e manutenção de uma estrutura colonial. Aqui o processo colonial é compreendido enquanto um passado próximo, vigente - uma ferida aberta. Assim, busco pensar alinhando dois movimentos: de um lado desdobrar de que forma saberes-outros foram deslegitimados, de que forma pode-se pensar esse epistemicídio enquanto estrutural do fazer científico e; de outro introduzir saberes produzidos pelos poetas-slammers como uma forma de conhecimento. Por isso interessa olhar para as críticas produzidas por feministas negras desde os anos 80, em uma tentativa de legitimação das questões raciais dentro do espaço monorracial que é a academia.

Nos debruçaremos sobre as produções críticas de intelectuais negros, que apontam para as estruturas e como essas estruturas são instrumentalizadas na produção científica. É elaborado um aparato conceitual e metodológico que introduz os saberes de religiões de matrizes africanas enquanto potência (re)inventiva de ser-estar-saber, numa busca de olhar para outras epistemologias, para que, a partir deste aparato, a pesquisa se volte sobre as poesias de Slams. Olhando para as poesias de Slams, pretende-se: 1) buscar produção de conhecimento e o compromisso com a verdade assumido pelos poetas 3) introduzir o aparato respaldado nos saberes das religiões de matrizes africanas nas dinâmicas do Slam, da produção de conhecimento dos poetas, e na preparação individual dos poetas - que a interlocutora expôs durante a entrevista - tendo em vista um resgate ancestral de reavivamento dos corpos e saberes que, constantemente, transgridem a morte. Para os objetivos, parte-se da centralidade dos atravessamentos raciais e como se reverberam perspectivas de(s)coloniais.



Resultados e discussão:

Para começar, partiremos de Audre Lorde em “As ferramentas do mestre nunca vão desmantelar a casa-grande” (1984), no qual ela indica como o feminismo cis branco e acadêmico mantinha(m) os limites coloniais ao fazer o debate de gênero:

O que isso significa, quando as ferramentas de um patriarcado racista são usadas para exterminar os frutos desse mesmo patriarcado? Significa que há limites restritos para as mudanças possíveis e admissíveis. [...] Em círculos feministas acadêmicos, a resposta a essas questões é muitas vezes “Nós não sabíamos a quem perguntar”. Mas essa é a mesma evasão de responsabilidade, a mesma esquiva que mantém o trabalho artístico de mulheres Negras fora das mostras de mulheres, que mantém o trabalho de mulheres Negras fora da maioria das publicações feministas, exceto pelas ocasionais “Edição Especial Mulheres Terceiro-Mundistas”, e que mantém os textos de mulheres Negras fora de nossas listas bibliográficas. (Lorde, p.136 e 138, 1984:2020.)

Esses “limites restritos”, indicados por Lorde (1984:2020), dizem respeito ao que tento elaborar de forma gradativa: 1) se retomarmos o histórico da consolidação da sociedade brasileira, mulheres cis brancas tiveram papéis ativos na construção do racismo e, mais especificamente, estereótipos racistas da feminilidade negra; 2) as estruturas coloniais vigentes na sociedade brasileira conservam às mulheres cis brancas espaços privilegiados em relação a homens e mulheres negros e negras; 3) o movimento feminista historicamente pensa para as mulheres cis brancas alcançarem a igualdade com homens cis brancos, que estão no topo da pirâmide social - ao reivindicarem, por exemplo, o direito a trabalhar fora de casa, as feministas brancas já tinham em suas casas, há décadas e gerações, mulheres de cor que tinham que trabalhar fora para sobreviverem, além de que “ter” empregada doméstica sempre conservou prestígio social às famílias brancas; 4) o racismo cordial, o mito da democracia racial e a não intencionalidade de ser racista, são estruturantes para a branquitude, e é o que lhes confere o direito de não debater/estudar/entender a própria racialidade; 5) ainda com o texto de Lorde, mas colocando-o em diálogo com Luiz Rufino (2018), e o que ao longo da pesquisa será apresentado como *dobrar a palavra*, o vocabulário rebuscado dessas feministas dificulta o diálogo com todas as pessoas que não partam da mesma posição social que elas; e por fim, 6) não debater a própria branquitude é negligenciar a humanidade das pessoas racializadas, “neste cerco fechado, o termo 'raça' não aparece, mas é o arame farpado onde o negro sangra sua humanidade” (NASCIMENTO, p. 92, 2016).

Em contrapartida, apresenta-se o Slam , popular nas periferias urbanas de São Paulo - enquanto congá: espaço do sagrado, chão firmado, onde a mágica das macumbas de re-existências acontece, onde, com a pedra de defunto (pemba)



risca-se o ponto da vida. E também, enquanto laboratório: lugar onde os saberes são vocalizados, avivados, reavivados, imantados com axé e firmados na existência do poeta - ou seja: a morte foi engabelada, e com isso, o saber de um *corpo-outro* é *mandingado* pelo axé que transita pelas fissuras do *banzo*. O saber que re-existiu apesar do epistemicídio e genocídio dos nossos ancestrais, apesar da negligência da nossa relação com a literatura, apesar da precarização da educação que tenta fortemente nos afastar da literatura.

Conclusões:

Para entender qual é a potência de mágica ancestral e de produção de conhecimento do Slam, é importante apontar que a mandinga começa antes do evento. A partir da entrevista feita com a poeta Tawane Theodoro no dia 07 de julho de 2021 pode-se levantar argumentação em dois sentidos: 1) o caráter formativo, político e de produção de conhecimento comprometido, e 2) o processo de escrita de cada poeta implica também um processo longo de *mandinga* anterior ao evento.

Tawane relata não apenas a responsabilidade que todos e todas os/as poetas têm, ao produzir um saber-poesia, pensando em levar conteúdo verídico, coerente com a realidade, dados científicos e relatos empíricos. A entrevistada afirmou: “tenho a vivência na pele, ok! Mas como isso acontece estruturalmente?” - salientando o quanto é importante e central o processo de estudar as informações antes de escrever poesias. Mas também, como, paralelamente, participar de Slams é um processo de formação e engajamento político. E acrescento: corpo negros vivos com espaço de voz e escuta recitando suas poesias é a potência transgressora que pretendo demonstrar ao longo da pesquisa, especialmente a partir do diálogo marcante que tivemos ao longo da entrevista:

Eu: Parece que, com o tempo, no Slam, foi abrindo espaço para falarmos de outras coisas que não são dores. Por que é isso né? A gente curte uma cerveja, a gente se apaixonou [...] Como foi pra você esse processo de pensar ‘agora posso falar sobre outras coisas’ ou ‘agora eu quero falar sobre outras coisas’?

Tawane: É importante até citar que essas poesias não deixam de ser militância, porque a gente tá escrevendo poesia e a partir do momento que a gente tá escrevendo poesia é militância. É militância porque isso foi negado pra gente durante muito tempo. e hoje a gente estar escrevendo poesia - seja de qual tema for - já é uma revolução.

Para além do processo de escrita, que diz respeito diretamente ao caráter de responsabilidade política e veracidade das informações, o processo de memorizar as poesias também demanda rituais específicos e particulares de cada poeta. A escrevivência dos poetas é a inscrição no mundo, é o sangrar a existência de quem driblou, fintou e engabelou a morte: “Nossas crianças não podem sonhar a menos que vivam [...] ‘Se vocês querem que mudemos o mundo um dia, precisamos pelo



menos viver o 'suficiente para crescer' grita a criança. [...] Na linha de frente da nossa passagem à mudança existe apenas a poesia para aludir à possibilidade tornada real" (LORDE, p. 48, 1991:2020).

Os Slams aparecem enquanto potência de inventividade, produção de ser-estar-saber, transgressão da morte, reavivamento ancestral, rede de apoio e fortalecimento por meio das gerações anteriores de intelectuais-slammers. É um espaço de amadurecimento, de florescimento, de educação política e de fortalecimento entre os nossos. Congá e laboratório, onde a poética da literatura se inscreve nas sangrias do mundo para sangrar as vidas de quem transgrediu a morte - aqueles e aquelas que são muito mais do que resistência, são poesia, arte, política, luta, luto e acima de tudo: são vidas, estão vivos.

Laroyê aos caminhos que se cruzam.

Laroyê às encruzilhadas.

Saravá aos donos da rua.

Referência bibliográfica:

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. / Audre Lorde; tradução Stephanie Borges. -- 1. ed.; 1. reimp. -- Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. **O Genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2016.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

RUFINO, Luiz. O que pode Elegbara? Filosofias do corpo, sabedoria de frestas.

VOLUNTAS: Revista internacional de filosofia, Santa Maria, v.10, p. 65-82, 10 set. 2019.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?**. Editora UFMG: ed. 2. Belo Horizonte, 2014.